

Questões rurais e campesinato: uma entrevista com Teodor Shanin

Vicente Eudes Lemos Alves

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, São Paulo, Brasil.
e-mail: veudes@ige.unicamp.br

Débora Assumpção e Lima

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Campinas, São Paulo, Brasil.
e-mail: deborassumpcaolima@gmail.com

Resumo

Entre os dias 13 a 16 de outubro de 2017, ocorreu a conferência "New Extractivism Peasantries and Social Dynamics: Critical Perspectives and Debates", em Moscou, Rússia. A conferência, organizada anualmente pelo BRICS Initiative in Critical Agrarian Studies, reuniu especialistas dos cinco continentes para debater criticamente as problemáticas agrárias sob o prisma da Economia Política Agrária, Geografia, Sociologia e Agroecologia. Após a conferência e a realização de um trabalho de campo, conversamos com o professor Teodor Shanin sobre sua trajetória acadêmica, o pensamento agrário russo, desafios e possibilidades de compreender a atualidade. O professor Teodor Shanin, presidente da Escola de Ciências Sociais e Econômicas de Moscou, é um conceituado sociólogo cujo compromisso de longa data com o estudo das sociedades camponesas consolidou sua prolífica carreira acadêmica, na qual escreveu mais de 100 publicações e livros importantes, como "Peasants and Peasant Societies" e "Marx Tardio e a Via Russa – Marx e as Periferias do Capitalismo".

Palavras-chave: Campesinato; Rússia; rural; pensamento agrário.

Rural questions and the peasantry: an interview with Teodor Shanin

Abstract

From October 13 to 16, 2017, the conference "New Extractivism Peasantries and Social Dynamics: Critical Perspectives and Debates" was held in Moscow, Russia. The conference, organized annually by the BRICS Initiative in Critical Agrarian Studies, brought together experts from five continents to critically discuss agrarian issues from the perspective of Agrarian Political Economy, Geography, Sociology and Agroecology. After the conference and fieldwork, we talked with Professor Teodor Shanin about his academic background, Russian agrarian thinking, challenges and possibilities to understand the present. Professor Teodor Shanin, president of the Moscow School of Social and Economic Sciences, is an esteemed sociologist whose long-standing commitment to the study of peasant societies has led to a prolific academic career and has written more than 100 publications and important books, as "Peasants and Peasant Societies" and "Late Marx and the Russian Road: Marx and the Peripheries of Capitalism".

Keywords: Peasantry; Russia; rural; agrarian thinking.

Cuestiones rurales y campesinos: una entrevista con Teodor Shanin

Resumen

Entre los días 13 a 16 de octubre de 2017, ocurrió la conferencia "New Extractivism Peasantries and Social Dynamics: Critical Perspectives and Debates", en Moscú, Rusia. La conferencia, organizada anualmente por el BRICS Initiative in Critical Agrarian Studies, reunió a expertos de los cinco continentes para debatir críticamente las problemáticas agrarias bajo el prisma de la Economía Política Agraria, Geografía, Sociología y Agroecología. Después de la conferencia y la realización de un trabajo de campo, conversamos con el profesor Teodor Shanin sobre su trayectoria académica, el pensamiento agrario ruso, desafíos y posibilidades de comprender la actualidad. El profesor Teodor Shanin, presidente de la Escuela de Ciencias Sociales y Económicas de Moscú, es un conceptualizado sociólogo cuyo compromiso de larga data con el estudio de las sociedades campesinas consolidó su prolífica carrera académica en la que escribió más de 100 publicaciones y libros importantes, como "Peasants and Peasant Societies" and "Late Marx and the Russian Road: Marx and the Peripheries of Capitalism".

Palabras-clave: Campesinos; Rusia; rural; pensamiento agrario.

Quais são os seus pontos de vista teóricos sobre Kautsky, Chayanov e, claro, sobre o seu próprio trabalho? De que maneira podemos ler Chayanov para entender melhor o mundo atual?

Teodor Shanin:

Vamos começar com Kautsky, porque você começa com Kautsky. Kautsky era um marxista ortodoxo aos seus próprios olhos. Mas ele definitivamente não era um marxista ortodoxo aos olhos de Marx – na verdade, para ser mais direto, é seguro dizer que Marx não gostava dele. Há várias situações em que Marx fala claramente dele como pedante, entre outros adjetivos menos complementares. Ao mesmo tempo, porém, ele era um ícone marxista, no qual quero apontar que ele não era apenas marxista, mas era considerado o mais importante pensador teórico do Partido Social-Democrata da Alemanha, que na época era o maior Partido Social-Democrata no mundo.

Chayanov tinha grande *expertise* em questões relativas à constituição do campesinato russo. Depois da Grande Reforma de 1860¹, a Rússia criou autoridades locais

¹ "A pedra fundamental das grandes reformas foi a emancipação dos camponeses da Rússia. Eles se dividiam nos seguintes grupos: os servos proprietários ou senhoriais que eram propriedade de proprietários individuais e viviam em condições de escravidão; os camponeses que viviam nas propriedades pessoais e na "casa grande" da elite. Os camponeses do estado viviam em terras estatais sob os administradores do estado, onde receberam a liberdade em 1866. A "liberdade" central que os camponeses receberam foi a eliminação do poder pessoal, arbitrário e sádico de seus nobres e mestres de Estado. Membros da nobre propriedade latifundiária e agentes do czar não podiam mais comprar e vender camponeses, hipotecá-los por dinheiro, pedir seus trabalhos diários, determinar com quem e quando se casaram, transferi-los de uma propriedade para outra, separar famílias, espancá-los, reivindicar direitos sexuais sobre eles, exila-los para a Sibéria, impor alguma autoridade policial e judicial sobre eles, ou decidir quem entraria no serviço militar durante praticamente toda a sua vida adulta. Muitos camponeses ficaram desapontados por não receberem a terra livremente, e a maioria dos antigos servos recebeu menos terra do que cultivaram antes da emancipação. Apesar das frustrações e protestos dos camponeses, da falta de terra e dos fracassos em cumprir suas obrigações de pagamento de impostos e resgates, dois fatos apontam para o impacto positivo da emancipação: a população do Império Russo, que era mais de 80% camponesa, explodiu no pós- anos de emancipação demográfica para a melhoria da saúde do campesinato liberado. Além disso, camponeses começaram a comprar mais terras da nobreza nas décadas

rurais bastante eficazes. Essas autoridades locais foram eleitas pelos proprietários de terras para cada jurisdição regional, mas como o regime czarista temia que elas pudessem representar uma forte força de oposição, o regime tratou de impedir que elas criassem uma organização unificada e centralizassem suas pesquisas. Esse relativo isolamento mostrou-se útil para diferentes autoridades locais, que acabaram criando suas próprias metodologias de pesquisa. Tais aparentes restrições deram lugar a metodologias de pesquisa diversas e ricas em possibilidades. É por isso que nos tempos de Chayanov a Rússia produziu tantas variantes metodológicas e diversas possibilidades de pesquisa. Quando Chayanov se tornou chefe do “Instituto Nacional de Estudos Rurais” [Academia Russa de Estudos agrários Timiryazev, em russo *Российский государственный аграрный университет — МСХА имени К.А. Тимирязева*], ele se beneficiou enormemente das experiências que surgiram desse ambiente.

Eu venho dos antigos territórios poloneses, atual Lituânia, onde muitos falavam russo. Quando eu fui a Birmingham para trabalhar no meu doutorado, não havia muita coisa publicada sobre o campesinato russo, em parte devido à falta de acesso a dados e fontes primários. Como estudante de doutorado, descobri que, sob a lei russa, quatro universidades do Império Russo recebiam cópias de todas as publicações na Rússia: Moscou, Petersburgo, Kiev e Helsinque. Eu descobri um conjunto completo de documentos em Helsinque, copiei isto e então trouxe para Birmingham. Ainda está lá e disponível.

É importante dizer que, para mim, as pessoas que se definem como marxistas dentro da estrutura argumentativa de Chayanov não são realmente marxistas, mas leninistas, o que é uma coisa diferente². Lenin era marxista, mas ele tratou à sua maneira e dentro de uma estrutura de seu próprio entendimento. O mesmo vale para mim. O que eu escrevi não é Chayanismo, mas sim Shanismo.

De que maneira o seu trabalho é inspirado por Chayanov e quais são suas diferenças teóricas?

Teodor Shanin:

É claro que a porcentagem de camponeses na maior parte do mundo está diminuindo. Em primeiro lugar, e mais importante, não é preciso dizer que uma diminuição na porcentagem não significa que o número total de camponeses esteja em declínio. Temos mais camponeses e pessoas no campo do que há 30 anos. Em segundo lugar, Chayanov

seguintes. Em 1905, os camponeses haviam comprado mais de 25 milhões de hectares de terra”. Em: Frierson, Cathy A., ed. e trans *Aleksandr Nikolaevich Engelgardt's Letters from the Country, 1872–1887*. New York and Oxford, U.K., 1993.

² Ver “*Critical Perspectives in Rural Development Studies*”, Saturnino M. Borrás Jr, 2009, p. 50-69.

nunca teve interesse real nas variações das populações camponesas. Ele estava principalmente interessado em investigar as razões de sua existência; os meios através dos quais eles vivem e se reproduzem; o funcionamento interno de sua economia e sua comparabilidade com a economia capitalista. Sua resposta a essa última questão era clara: a economia camponesa não é como a economia capitalista em sentido estrito, embora certamente apresente algumas das características da economia capitalista, especialmente nos países capitalistas. Em seu livro *“A teoria da economia camponesa”*, Chayanov produziu um modelo fundamental para descrever a economia camponesa, suas operações, as relações entre diferentes partes e setores. O campesinato é, naturalmente, algo que existe.

Foi na mesma época que Plekhanov, que supostamente levara o marxismo a Rússia, declarou que “historicamente falando, o campesinato não existia”. Ele disse isso enquanto 85% do povo russo era camponês! “Não existe em um sentido histórico porque desaparecerá”, disse ele, “prevendo” o desaparecimento do campesinato. Ele era marxista (pessoalmente, Marx não gostava dele, é muito interessante notar como Marx obviamente conhecia as pessoas, não apenas suas ideias), mas suas projeções para o fim do campesinato eram radicais e nunca foram reconsideradas em seu trabalho. Marx não gostava da maioria dos marxistas russos, e em um de seus escritos ele afirmou: “Eu não sei sobre esses senhores, mas eu nunca fui marxista”. Você realmente não pode colocar as coisas de uma maneira melhor do que Marx poderia. É claro que o que ele disse que era uma brincadeira, mas Marx tinha seu próprio sistema de sarcasmos, através do qual transmitia mensagens sérias.

E ele está certo, porque dizer “eu sou marxista” e fechar esse conceito em seu próprio armário é contraditório, uma vez que o marxismo muda com novos modos de descoberta, com o desenho e desenvolvimento de novas análises, e assim por diante. Marx era muitas coisas, mas definitivamente não era uma mente fechada³. De tempos em tempos, ele mudou de opinião. O mesmo pode ser dito de Lenin – o que o tornou um líder de alto renome. Se Lenin não estivesse disposto a transformar-se, ele teria acabado como Plekhanov, um velho solitário amargo, morrendo em sua cama. Já Lenin morreu como o líder de uma revolução bem-sucedida.

Escrevi um artigo chamado “Os quatro programas e meio agrários de Lênin”, no qual tento entender e demonstrar inteligente habilidade de Lênin de ajustar seus pontos de vista de acordo com a realidade em constante mudança. Nesse sentido, pode-se dizer que

³ É importante referir-se ao projeto MEGA, Marx-Engels (Marx-Engels-Gesamtausgabe, MEGA), que reúne um conjunto de livros, rascunhos, trechos, cartas e outros sinais vivos deixados por Karl Marx e Friedrich Engels. O projeto começa na década de 1950 e ainda está longe de ser concluído. Veja o artigo sobre o projeto escrito por Thomas Marxhuasen, “História crítica das Obras Completas de Marx e Engels (MEGA).” Em: História Crítica das Obras Completas de Marx e Engels (MEGA), Revista Crítica Marxista nº 39, 2014. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo2015_11_09_16_31_1133.pdf. Acessado em: 15 de dezembro de 2017.

Chayanov mudou seus pontos de vista, mantendo alguns princípios enquanto desenvolvia sua teoria durante todo o tempo. Essa é uma das razões pelas quais eu critico academicamente as pessoas que se dizem marxistas, leninistas, chaianovistas. Politicamente, suponho que possa ser usado como alavanca para influenciar a esquerda.

Se nossos pensamentos permanecerem consistentemente os mesmos ao longo de 20 anos de pesquisa e estudo, então devemos ser demitidos e nunca termos permissão para voltar para a universidade.

Bernardo Mançano acabou de traduzir seu livro, “Marx Tardio e a Via Russa – Marx e as Periferias do Capitalismo” (1983), para o português. De que maneira você acha que seu livro pode contribuir para a atual conjuntura política do mundo?

Teodor Shanin:

Não saberia dizer porque não sou profeta. Mas acho que cada acadêmico têm um deus, e cada deus escolhido por cada acadêmico está sempre dizendo a verdade. O que as pessoas pensam que sabem sobre Marx é frequentemente baseado em jornalismo superficial. Muitos deles foram introduzidos ao marxismo por meio de uma mídia tão insípida, mas nunca realmente leram o próprio Marx. Isso obviamente coloca seu trabalho em uma posição difícil. No final de sua vida, Plekhanov destruído politicamente e não tinha credibilidade. Ele perdeu toda a sua influência sobre o movimento social-democrata, pagando o preço por se recusar a rever sua própria compreensão do marxismo.

Se você quer minha mensagem para aqueles que são jovens e enérgicos e que gostaria de se envolver em um trabalho político radical, eu diria que não sejam marxistas ou leninistas. Mas aprendam com Marx e Lenin. Seja você mesmo. Mas lembre-se de como é perigoso se tornar alguém como Plekhanov. Na Rússia, é comum ver fotos de [Vladimir] Putin e, às vezes, Lenin, em vários prédios governamentais e públicos. Quanto a mim, penduraria uma foto de Plekhanov para que as pessoas pudessem se lembrar do que aconteceu com um homem muito inteligente que se recusou a mudar.

Há grande curiosidade com relação às mudanças históricas do campesinato na URSS, durante a Perestroika, por exemplo, bem como nos tempos atuais. Quais você considera ser os momentos históricos mais significativos para o campesinato russo?

Teodor Shanin:

A principal mudança para a população camponesa na Rússia ocorreu muito antes da Perestroika, com “passaportização”. Isso foi estabelecido nos anos finais de Khrushchev e nos primeiros anos de Brejnev. O governo concedeu as populações rurais passaportes, o que significava a possibilidade de mobilidade⁴. Significava liberdade de escolha em termos de local de residência, para não mencionar ter pela primeira vez a opção de trabalhar em uma fábrica ou edifício, bem como a possibilidade de muitos asiáticos se mudarem para a Rússia Central.

Como você vê as últimas transformações nesses padrões de fluxos migratórios camponeses? Em que áreas os fluxos migratórios são mais intensos na Rússia?

Teodor Shanin:

Quase não há lugar na Rússia para qual o cidadão não possa ir. A partir dessa perspectiva, a migração interna aumentou. Isso significa que em algumas áreas você só encontrará algumas mulheres nas aldeias, muitas vezes mulheres idosas.

No sul da Rússia, onde o clima é muito melhor, as aldeias sobreviveram apesar da migração ser relativamente estável. Ainda existem algumas aldeias rurais no sul. Mas no polo magnético oposto, por assim dizer, no norte da Rússia, neste momento, há áreas pertencentes a aldeias, mas que não são “aldeias reais”. Quero dizer, são aldeias, há casas lá, elas têm um nome e existem oficialmente nos livros, mas não há ninguém lá, exceto algumas mulheres. E isso é bastante comum agora. Na verdade, Alexey Naumov e Potapova Alexandra desenvolveram alguns trabalhos nesse sentido. As pesquisas realizadas são sobre camponeses no norte da Rússia e eles vão todo ano visitar estas áreas. Este é um fenômeno muito presente, um sinal definitivo de nossos tempos.

Estava refletindo sobre o que você estava dizendo em termos da reprodução do campesinato e como há pensadores que tentam argumentar que o campesinato deixará inevitavelmente de existir. Muitos pensadores definem os camponeses em termos da ausência de relações capitalistas de produção, mas parece que não é possível dizer atualmente que os camponeses não fazem parte do sistema capitalista. Então, como podemos compreender a crescente presença do dinheiro nas relações camponesas e suas implicações para a reprodução do campesinato?

⁴ Teodor Shanin escreveu um artigo que discute a questão relacionada aos camponeses e às mudanças históricas na Rússia. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451991000100007. Acesso em: 24 de novembro de 2017.

Teodor Shanin:

Não há dúvida de que o campesinato vive hoje em uma sociedade capitalista. Mas viver em uma sociedade capitalista não significa, por si só, que a vida de uma família camponesa seja de modo semelhante à vida de uma família em uma sociedade capitalista. E por isso é importante lembrar o que Chayanov disse. É importante, evidentemente, tipificar o trabalho feito pelos camponeses de hoje, a fim de esclarecer se é realmente a mesma forma de trabalho implícita no que é chamado de "trabalho histórico do camponês", onde o fundamental é não tentar criar definições para determinar se certos grupos de pessoas são ou não são camponeses. Chayanov estava muito certo disso. Ele não estava falando de algo que se presume ser eterno, que sempre existirá nessa conformação específica, ele estava falando sobre o campesinato existente de um determinado momento histórico.

Em alguns momentos ele disse que as mudanças iriam ocorrer, mas ele nunca disse que as mudanças deveriam ocorrer, ele só disse que poderiam vir; há uma diferença. Fundamentalmente, ele acreditava que o melhor sistema para o campesinato eram as cooperativas e que o melhor modo de organização de produção para os camponeses era a cooperativa. Isso, é claro, chegou tarde aos camponeses daquele tempo na Rússia, que estavam se organizando em cooperativas a *par e passo*. Havia tradições antigas e contundentes de campesinato cooperativo, mesmo antes da "coletivização" – cooperativas não no sentido de *kolkhozes*, mas num sentido muito mais amplo.

Desta forma, ele acreditava que o sistema cooperativo era aquele que mais beneficiava os interesses dos camponeses e era aquele de maior interesse para o desenvolvimento da Rússia. Ele escreveu que "se você tentar parar as cooperativas, a produção russa vai cair" e ele estava certo porque foi exatamente o que aconteceu como consequência da coletivização forçada. Temos isso como um fato na atualidade, porque agora não é difícil encontrar os dados corroborantes.

De fato, antes que o regime stalinista o matasse, Chayanov publicou sugestões sistemáticas sobre a reorganização do campesinato e maneiras pelas quais a produtividade poderia ser aumentada sem a agricultura coletiva. Porque ele acreditava que a melhor maneira de reorganizar o campesinato (e ele sabia que era importante reorganizar o campesinato russo naquele momento específico, com todas as exigências para a introdução de maquinários, por exemplo) era criar um poderoso movimento cooperativo e não insistir na estratégia condenada da coletivização forçada.

O movimento cooperativo era uma demanda claramente sustentada pelo próprio campesinato. Naquela época, a Rússia provavelmente estava realizando o maior movimento cooperativo camponês do mundo. Chayanov considerou que as cooperativas eram uma

alternativa que teria gerado o aumento de produtividade sem resistência dos camponeses, como ocorreu com a coletivização forçada.

Há uma última coisa que considero de extrema importância. Nas condições russas da época, os “camponeses de elite” não eram os “*kulaks*”, porque os *kulaks* estavam fazendo trabalhos não-camponeses na época. Quero dizer, eles eram os “intermediários”, os que conseguiam dinheiro em porcentagem, vendiam mercadorias para os comerciantes dentre outros serviços. A “elite camponesa”, no sentido dado naqueles dias, referia-se ao campesinato que tinha um pouco mais que os outros – simplesmente indicava que eles tinham mais produção, mais cavalos, um pouco mais de dinheiro. E por causa disso, eles assumiram cargos de liderança em suas comunidades camponesas. Sob essas condições, o que Stalin fez foi destruir a liderança do campesinato através da coletivização forçada. Como consequência desta destruição da liderança do campesinato, o campesinato rapidamente se opôs a Stalin. A coletivização não estava apenas criando os *kolkhozes*, estava essencialmente expulsando das aldeias aqueles que eram líderes camponeses e também os melhores agricultores, já que ser chamado de “elite camponesa” na maioria das vezes significava ser reconhecido por seus pares como um dos melhores agricultores.

Podemos inclusive ir mais profundamente na questão. A mobilidade social na sociedade camponesa era muito ativa, porque se realizando um bom trabalho agrícola, era possível crescer rapidamente; enquanto a negatividade deste processo também era observada. Por isso, as pessoas no topo coincidiam frequentemente com os melhores agricultores. Assim, o regime stalinista recebe o que semeou e, é claro, houve protestos massivos. As pessoas que foram presas e deportadas para outras regiões da Rússia eram, em sua maioria, líderes de aldeias e comunidades. Isso significa que seus líderes camponeses estavam sendo levados embora. Isso foi fundamentalmente o que aconteceu com a coletivização. Portanto, a coletivização não funcionou, não apenas porque esse modelo de cooperação não funciona, mas também porque fez com que as aldeias perdessem seus melhores agricultores. Eles são chamados de “*kulaks*”, mas, na verdade, na compreensão camponesa eles não são *kulaks*, porque, no que diz respeito a eles, um “*kulak*” era um homem que não estava fazendo trabalho camponês. Ele estava ganhando dinheiro com outros negócios e, portanto, não podia ser considerado um agricultor normal. Os bolcheviques costumavam chamar todos os “camponeses da elite” de “*kulak*”, porque em termos de propaganda política era mais fácil despertar o ódio contra um “camponês de elite” referindo-se a eles como um “*kulak*”.

No Brasil temos muito pouca pesquisa sobre a “Internacional Camponesa”. Na Argentina há alguns trabalhos, no México também, mas no Brasil há poucas

informações. Você poderia dizer algumas palavras sobre a importância do Internacional Camponesa e como a Internacional influenciou o movimento camponês na Rússia?

Teodor Shanin:

O movimento camponês não sabia o suficiente sobre como o campesinato funcionava. É claro que eles não entenderam o que estava acontecendo na Rússia naquele momento. Isso é absolutamente claro porque eles desenvolveram sua própria imagem do que estava acontecendo na Rússia. A ala política da esquerda apoiou o que estava acontecendo na Rússia, a ala da direita se opôs, mas não entendeu, na época, o que estava acontecendo na Rússia. Isso é algo que somente agora, com o diligente trabalho dos pesquisadores, através da pesquisa histórica, essencialmente, está começando a ser explicado. É basicamente isso: ninguém entendia o que estava acontecendo na Rússia com o campesinato naquele tempo⁵.

Sobre os autores

Vicente Eudes Lemos Alves – Graduação Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) (1994); Mestrado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) (2000); Doutorado em Geografia Humana (2006) pela Universidade de São Paulo (USP); Atualmente é professor do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo; **ORCID** – <https://orcid.org/0000-0002-9505-185X>

Débora Assumpção e Lima – Graduação em Geografia Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (2011); Mestrado Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (2014); Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); **ORCID** – <https://orcid.org/0000-0003-0571-1314>

Como citar este artigo

ALVES, Vicente Eudes Lemos; LIMA, Débora Assumpção e. Questões rurais e campesinato: uma entrevista com Teodor Shanin. **Revista NERA**, entrevista, v. 21, n. 44, p. 236-244, set.-dez. 2018.

Recebido para publicação em 13 de junho de 2018.
Aceito para a publicação em 15 de junho de 2018.

⁵ Esta entrevista contou com participação pontual de Bruno Rezende Spadotto, doutorando do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (USP).